



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ANA CRISTINA RAMOS COSTA**

**O PAPEL DOS BISAVÓS NAS FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2014**

**ANA CRISTINA RAMOS COSTA**

**O PAPEL DOS BISAVÓS NAS FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Formação/Licenciado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Sibelle Maria Martins de Barros

**CAMPINA GRANDE – PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837p Costa, Ana Cristina Ramos.  
O papel dos bisavós nas famílias de baixa renda [manuscrito] /  
Ana Cristina Ramos Costa. - 2014.  
20 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e  
da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Sibelle Maria Martins de Barros,  
Departamento de Psicologia".

1. Relação familiar. 2. Representação social. 3. Composição  
familiar. 4. Afeto. I. Título.

21. ed. CDD 158.24

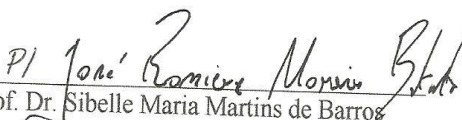
ANA CRISTINA RAMOS COSTA

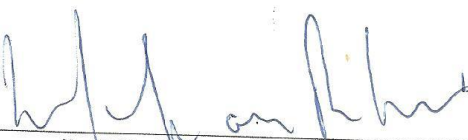
O PAPEL DOS BISAVÓS NAS FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA

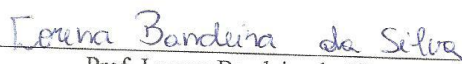
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Psicologia.

Aprovada em: 26/11/2014.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr. Sibelle Maria Martins de Barros  
(Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Wilmar Roberto Gaião  
(Banca Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Lorena Bandeira da Silva  
(Banca Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## O PAPEL DOS BISAVÓS NAS FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA

Ana Cristina Ramos Costa<sup>1</sup>  
Sibelle Maria Martins de Barros<sup>2</sup>

### RESUMO

As melhores condições de vida da sociedade atual nas últimas décadas tem gerado um crescimento no número de idosos. Em decorrência, cada vez mais idosos se tornam bisavós, exercendo mais funções no contexto familiar. Diante disso, o presente trabalho buscou estudar o papel dos bisavós nas famílias de baixa renda. Participaram do estudo nove idosos da cidade de Campina Grande - PB, que frequentam uma instituição filantrópica e tem idade entre 80 e 100 anos, sendo oito do sexo feminino e um do sexo masculino. Utilizou-se da pesquisa qualitativa e como instrumento de coleta uma ficha sociodemográfica, uma entrevista semiestruturada e duas checklists. A análise de conteúdo temático categorial das entrevistas obteve-se alguns resultados interessantes: os bisavós evitam assumir responsabilidades para com os bisnetos, pois acreditam ser essas atividades dos pais; suas principais práticas com os bisnetos são o carinho, o preparo de refeições e o repasse de ensinamentos (i.e. conselhos, histórias de vida e moral) e; constatou-se que eles não diferenciam os papéis de avós e bisavós no seu cotidiano. Concluiu-se que as dificuldades financeiras e de idade são as principais causas limitadoras dos idosos de baixa renda, apesar disso, os bisavós demonstram muita satisfação e alegria ao exercerem o seu papel na família, dar muito carinho aos bisnetos.

**Palavras-chave:** avós, netos, bisnetos, família.

### ABSTRACT

The better living conditions of the current society in recent decades has generated an increase in the number of elderly. As a result, increasingly older people become great-grandparents, playing more roles in the family context. Thus, the present study sought to examine the role of great-grandparents in families with low incomes. Nine elders of the city of Campina Grande - PB attending a charity and with age between 80 and 100 years were selected to participate in the study, among these eight are female and one is male. A sociodemographic form, a semi-structured interview and two checklists were used as collection instruments. The categorical thematic content analysis of the interviews yielded some interesting results: the great-grandparents avoid taking responsibility with great-grandchildren, as they believe that these activities belongs to the parents; it's main practice with great-grandchildren are caring, preparation of meals and the transfer of teaching (i.e. advice, life stories and morals) and; it was found that they do not differentiate the roles of grandparents and great-grandparents in their daily lives. It was concluded that the financial difficulties and age are the main causes of limiting low-income seniors, yet the grandparents showed much satisfaction and joy in exercising their role in the family, much love to give great grandchildren.

**Keywords:** grandparents, grandchildren, great-grandchildren, family

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: [anihakrc@gmail.com](mailto:anihakrc@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do curso de Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I

## INTRODUÇÃO

Atualmente grande parte das pesquisas científicas tem sido fomentada pelo novo perfil populacional do Brasil que se caracteriza pelo crescente número de pessoas acima de 65 anos. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o Brasil tem atualmente 20,6 milhões de idosos, número que representa 10,8% da população total. A expectativa é que, em 2060, o país tenha 58,4 milhões de pessoas idosas (26,7% do total) (IBGE, 2014).

O aumento da expectativa de vida no Brasil tem sido evidenciado pelos avanços tecnológicos relacionados à área da saúde nos últimos 60 anos, com o uso de vacinas, antibióticos e quimioterápicos que tornaram possível a prevenção ou cura de muitas doenças (SILVA E ALMEIDA, 2011). O saneamento básico; a água encanada, redes de esgoto nas grandes cidades, melhoria das condições de habitação e o desenvolvimento da agricultura vem proporcionando melhor qualidade nos alimentos e promovendo uma queda considerável na mortalidade consequentemente aumentando a expectativa de vida (TIBULO et al., 2012).

Com o aumento da longevidade cresce o número de pessoas idosas nas famílias brasileiras. Em termos demográficos, esse fato tem implicações importantes na tessitura da família e nos papéis dos seus membros, pois cada geração tende a conviver mais com membros da família de três a quatro gerações (RABINOVICH, AZAMBUJA E MOREIRA, 2014). Tal processo também promoveu transformações no que diz respeito aos significados de velhice, embora ainda haja representações carregadas de preconceito, ancoradas nas ideias pejorativas modernas (ARIÉS, 1996).

As representações sociais sobre a velhice constituem um conjunto dinâmico destinado não somente à interpretação, mas, sobretudo, à reinvenção da velhice no cenário pós-moderno (COSTA; FREITAS, 2010). O termo “terceira idade” emergiu para diminuir a conotação negativa transformando o velho em um sujeito respeitado. Substitui-se o termo “velho” para “terceira idade”, denotando a velhice como o estágio da vida mais apropriado para a busca do prazer e para a realização pessoal (MARQUES, 2004).

É inquestionável o fato de que os significados e práticas dos idosos vêm sofrendo reconfigurações ao longo do tempo e de acordo com os contextos específicos em questão. No Brasil, dados do IBGE (2014) retratam que mesmo depois de aposentados, muitos brasileiros continuam trabalhando, já que a aposentadoria não é suficiente para satisfazer suas necessidades básicas.

A previdência social também constitui importante fonte de sobrevivência da população idosa. Entretanto, os benefícios e os auxílios muitas vezes são compartilhados com a família, principalmente nas regiões menos favorecidas como as do Norte e Nordeste (TIBULO et al, 2012).

Coutrim et al (2007), por sua vez, ressalta que a participação dos idosos na família vai além da renda direta, pois em muitos casos, é cedido o espaço de sua moradia para os filhos, seus cônjuges e netos, diminuindo os encargos das famílias mais jovens.

### **Ser avô e bisavô**

Mendes et al (2005) revelam que é na fase de tornar-se avós que emergem experiências e características próprias, resultantes da trajetória de vida, no qual algumas pessoas têm maior dimensão e complexidade que outras, integrando assim a formação do indivíduo idoso.

De acordo com Kipper e Lopes (2006), o momento que demarca o tornar-se avó/avô é a ocasião em que nasce um neto, trazendo algumas modificações, não só na estrutura familiar, como na estrutura psíquica dos novos avós – uma nova identidade tem de ser criada e novos papéis adquiridos. Ainda segundo as autoras, os avós precisam redefinir a nova posição que irão ocupar entre as gerações, devem alterar a representação de seu filho e desenvolver novos vínculos com o neto. Percebe-se um movimento de reatualização de um passado de experiências quando se veem diante de um novo (VIANNA, 2006).

O tornar-se avô traz muitas possibilidades para estes sujeitos e uma nova etapa para toda a família, pois abrange uma geração a mais (KIPPER E LOPES, 2006). No processo de transmissão multigeracional, por exemplo, postula-se a passagem do processo de projeção familiar de geração para geração, que fica explicitado por frases como: “ele tem o gênio do avô”, por exemplo. Esse processo de projeção familiar aplica-se em maior ou menor grau de flexibilidade (BATISTA, 2009).

Silva (2012) afirma que o papel dos avós é bastante claro, pois tanto dão afeto e carinho como repreendem, quando necessário. Torna-se imprescindível a existência de abertura e flexibilidade entre os pais e os avós para redefinirem seus papéis e suas relações familiares, buscando sempre o equilíbrio do sistema vigente (ARAÚJO; DIAS, 2010).

A mediação dos pais é essencial no relacionamento entre avós e netos; os limites entre ser pais e ser avós devem ser demarcados, sendo função dos pais a responsabilidade pelos filhos. Ou seja, é importante que os avós tenham vida própria, que não vivam em função total dos netos (FALCÃO; SALOMÃO, 2005).

Segundo Osuna (2006 apud Oliveira et al, 2009, p. 151) muitos pesquisadores tentaram definir os componentes do conceito avô, estabelecendo quatro níveis ou facetas: nível 1- atitudinal, corresponde às normas que governam os direitos e obrigações dos avós; nível 2- emocional ou afetivo, relaciona-se com a satisfação com o ambiente familiar no qual vivem, acentuando-se porque os avós não têm a mesma responsabilidade com seus netos que tinham com seus filhos; nível 3- condutor, refere-se às atividades que os avós realizam com e para seus netos; nível 4- simbólico, refere-se aos diferentes significados de avosidade para os avós.

Estes níveis permitem uma representatividade do papel de ser avó/avô. Desta forma é percebido como os avós ficam aliviados por não terem a responsabilidade primária como cuidadores, porém, a expectativa de ser um recurso e não uma interferência pode ser também opressiva, provavelmente porque é difícil para eles saberem quando estão ajudando ou interferindo (FALCÃO; SALOMÃO, 2005).

Grande parte de estudos sobre o tema, conforme Mainetti e Wanderbroocke (2013) apontam para os efeitos negativos, em diversos âmbitos, na vida das avós que criam os netos, como: sobrecarga financeira, conflitos com os filhos devido à divergências na educação das crianças e às vezes pela custódia legal dos netos. Além disso, queda na qualidade de saúde física e emocional das avós, com incidência de depressão e baixa saúde percebida, interferência na vida social e familiar, cansaço e esgotamento emocional também foram constatados.

Por outro lado, Kipper e Lopes (2006) acreditam que os avós que estão resolvendo tarefas da meia-idade, como aposentadoria, doença, perda do cônjuge, direcionam sua atenção para a criança ou jovem que acaba de chegar. Esse processo torna-se saudável na medida em que pode representar o futuro genético deles mesmos, um futuro que irá permanecer, mesmo após suas mortes.

Coutrim et al (2007) ressaltam que o fato dos idosos aposentados terem mais tempo livre possibilita a troca de experiências com os netos, o que pode auxiliar na diminuição dos conflitos. Assim, os avós se preocupam em passar para seus descendentes lições morais extraídas, em grande parte dos casos, de suas próprias histórias de vida. Segundo os autores, os avós podem contribuir para o desempenho escolar e a formação do caráter da criança, através das histórias/contos e ensino de tarefas e valores importantes para o desenvolvimento pessoal. Portanto, os avós podem ser facilitadores do desenvolvimento da socialização da criança e do seu relacionamento na escola e na vida.



Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006) ser bisavô traz um senso de renovação pessoal e familiar, uma fonte de diversão e uma marca de longevidade. Loureiro (2009) destaca que os bisavôs/bisavós estão envolvidos na derradeira função generativa: expressar o desejo humano de transcender a mortalidade investindo em si próprios nas vidas das gerações futuras.

Em pesquisas realizadas por Wentowski e Doka (1985, apud Dias e Pinto 2003) o papel de bisavós foi percebido com um misto de alegria, porque o nascimento de bisnetos é o sinal de sucesso e vitalidade na família, mas, por outro lado, é sinal de idade avançada e finitude.

Tendo em vista a escassez de estudos em Psicologia e áreas afins sobre o tema “tornar-se bisavô” e considerando o crescente número de idosos no Brasil e no mundo, esta pesquisa teve como objetivo compreender o exercício deste papel por parte de idosos acima de 80 anos, que possuem uma renda de até salário mínimo. Indiretamente, esta pesquisa também permite compreender melhor o processo de envelhecimento no contexto familiar.

## **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

Trata-se de um estudo exploratório, de cunho qualitativo. Conforme Gil (2002) a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, bem como fornecer condições ao aprimoramento de ideias.

### **Participantes**

Contribuíram para a pesquisa nove idosos que recebiam auxílio de um grupo assistencial de distribuição sopa para pessoas carentes. Como critérios para seleção dos participantes foram escolhidos: 1. ser bisavó; 2. ter renda de até um salário mínimo e 3. idade acima de 60 anos, conforme classificação da Organização Mundial de Saúde para países em desenvolvimento.

### **Instrumentos**

Como instrumentos da pesquisa foram utilizados uma ficha sociodemográfica, no intuito de apreender informações como sexo, idade, estado civil, etnia/raça, nível educacional

e doenças; uma entrevista semiestruturada e duas *checklists* sobre suporte emocional e instrumental, baseado no estudo de Araujo e Dias (2002).

A entrevista com roteiro semiestruturado continha temas como composição familiar, atividades cotidianas, renda mensal, ser bisavô (significados, práticas e relações afetivas).

As *checklists* de suporte emocional e instrumental tiveram como objetivo elucidar o tipo de suporte oferecido pelos idosos aos seus bisnetos.

### **Procedimentos de coleta dos dados**

Primeiramente recorreu-se à instituição filantrópica para autorização da pesquisa. Em um segundo momento, o projeto foi submetido pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba e aprovado sob o número de registro CAAE 31625614.0.0000.5187. As recomendações preconizadas pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, foram seguidas em todas as etapas da pesquisa.

A coleta ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa, explicou-se o objetivo da pesquisa e procurou-se identificar, no grande grupo, idosos que preenchessem todos os critérios de inclusão da pesquisa. Na segunda etapa, após explicações sobre a pesquisa e assinatura dos sujeitos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram realizadas entrevistas individuais realizadas em uma sala reservada da própria instituição. Todos os participantes consentiram a gravação do áudio.

### **Procedimentos de análise dos dados**

Para o exame dos dados recorreu-se à análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). O qual realiza uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

No trabalho em questão, cada pergunta da entrevista foi previamente definida de forma a guiar a definição posterior das categorias. Dessa forma, as respostas permitiram a identificação de critérios que diferenciaram os sujeitos em um primeiro momento, e em seguida foram agrupadas por analogia semântica em categorias. Esta operação teve o objetivo de revelar as tendências, percepções e ideias que os idosos fazem em relação a sua vida até os dias atuais e como os mesmos se percebem frente ao novo papel geracional.

## RESULTADOS

Primeiramente são apresentados os dados sociodemográficos e posteriormente os resultados obtidos por meio da entrevista e das checklists. Os sujeitos são identificados por números, na sequência de realização de cada entrevista.

### **Dados sociodemográficos:**

Os participantes da pesquisa tinham idades entre 80 e 100 anos, sendo oito do sexo feminino e um do sexo masculino, residentes em uma cidade do interior da Paraíba. Destes, quatro são viúvas, duas solteiras, uma separada, uma mulher casada e um homem casado.

Em relação ao nível socioeducacional seis participantes não completaram o ensino fundamental I e três não estudaram em toda sua vida. Sobre a presença de doenças foi constatada, em sua maioria, doenças crônicas, sendo três pessoas com problemas de coluna, duas com problemas de joelho, duas com problemas de hipertensão, uma com doença pulmonar, uma com labirintite e uma com osteoporose. Apenas um idoso não relatou ter doenças crônicas. Vale informar que nenhum dos idosos que relataram a presença de doenças crônicas tinha cuidador direto.

### **Entrevista:**

Sobre a composição familiar pôde-se constatar que cinco bisavós moravam com filhos e netos; uma morava com neto e bisneto; duas com a filha e genro/nora e uma com um ex-genro. Percebe-se, então, que nenhum bisavó residia sozinho.

No quesito trabalho verificou-se que existia um grupo de pessoas que já teve alguma experiência profissional e outro que ainda trabalha. No primeiro grupo consta uma auxiliar de serviços gerais; três que trabalharam como domésticas e no comércio, uma trabalhou na roça quando criança e depois em uma empresa, duas que trabalharam na agricultura, um senhor que trabalhou no comércio e ainda trabalha como vigia e uma que ainda trabalha vendendo jornal.

Considerando as fontes de renda, cinco participantes eram aposentados, duas mulheres recebiam pensão por morte dos esposos e duas recebiam benefício do governo. Outro aspecto a ser destacado diz respeito à forma como eles utilizavam seu o dinheiro. Sete pessoas pagavam despesas próprias como conta de água, luz e alimentação, dentre essas, duas pagavam empréstimo e uma fazia compras em um cartão de crédito. Duas pessoas preferiram não dizer.

A análise dos dados qualitativos revelou as seguintes categorias: significado, satisfação pessoal, características dos bisnetos, transmissão intergeracional, práticas, mudanças e relacionamentos familiares.

Nestas categorias foram nucleadas as percepções que os idosos tinham na definição de ser bisavô (ó) bem como se a definição estava clara para eles, ao passo de identificar os sentimentos que emergem nesta relação e como os mesmos são executados.

Ao serem indagados sobre o **significado** de bisavós, os participantes recorreram frequentemente ao sentimento de felicidade e orgulho:

*“-Minha filha eu vou dizer uma coisa, eu sou feliz. Sou feliz, graças a Deus, eu sou feliz. Deus me deu esses neto, (sic), bisneto. Eu sou feliz.” (entrevistada 1)*

*“-É... Acho que é... a pessoa ser feliz né... Eu quero bem a meus neto, quero também agora ... aos bisneto.” (entrevistada 5)*

De acordo com quatro entrevistados, ser bisavô não difere de ser avô.

*“-É a mesma coisa que ser avó. O bem que eu quero aos netos quero aos bisnetos. É a mesma coisa.” (entrevistada 3)*

*“-Eu acho que é o mesmo de ser avô. É a mesma coisa, que eles me adora (sic). E parece que os bisnetos adora mais que os netos (risos)” (entrevistado 4)*

*“-Eu nem que sou bisavó, pra mim sou só avó. (risos).” (entrevistada 6)*

Por meio das entrevistas também foi possível constatar a **satisfação pessoal** que os idosos tinham em relação ao seu papel, principalmente no que diz respeito à questão da continuidade da família.

*“-Bem é receber meus netos, meus bisnetos. Abraçar, beijar” (entrevistada 1)*

*“-É muito bom, ver eles crescer” (entrevistada 2)*

*“-A gente ter né... ter os filhos e depois nasce os menininhos pra gente querer bem, adorar né. Carinhar” (entrevistada 5)*

Na descrição da categoria **características dos bisnetos** foi percebido que a maioria dos bisavós descreveu seus bisnetos com qualidades positivas, seja pela inteligência ou pelo respeito.

*“-Ele é um menino inteligente, sabido, faz gosto viu. Tudo que a gente diz a ele, ele entende, ele aprende (...) Eu sou feliz com ele”. (entrevistada 1)*

*“-Ai são tão carinhoso. São tudo tão bom. Ai meu Deus, eu amo meus bisneto. É... Sou muito feliz”.(entrevistada 6)*

*“-Me respeita muito.” (entrevistada 9)*

Os legados geracionais por meio da perpetuação de práticas religiosas fazem parte da vida cotidiana entre bisavôs e seus bisnetos. Algumas falas ilustram este processo de **transmissão intergeracional** quando é citado o pedir a benção para eles:

*“-Ele dizer bença vó. Aquilo pra mim é tudo”. (entrevistada 1)*

*“-Eu acho bonito quando chega àquela turma perto de mim (risos envergonhados). Tudo tomando a benção. Pai pra aqui, pai pra co lá. Pronto ai fica... Sobe! [E todo mundo chama o senhor de pai?] É. Tudo” (entrevistado 4)*

As principais **práticas** dos bisavós apreendidas nas entrevistas foram: dar afeto, respeito e repassar ensinamentos.

*“-Eu... Eu carinho eles, que eles tão aqui né... Os que tá fora eu não posso carinha, porque tão fora. Mas os daqui eu carinho eles, beijo eles”. (entrevistada 2)*

*“-Eu faço o bem pra eles né? Ajudo. Olhe quando eles precisa de um dinheiro eu dou. Quando eles precisam, qualquer coisa que eles querem, eu tendo... Ai pronto é isso mermo”. (Entrevistada 5)*

*“-Minha filha eu acho que é isso, é dar muito amor, ensinar coisas boas, contar a eles, abraçar. Lembrar que ele teve com a bisavó é muito importante, eu acho que eles vai lembrar, porque eu lembro quando era pequena. Né. Eu não alcancei bisavó, só alcancei avó. Mas ainda hoje eu lembro de tudo. Eu acho que é isso que a gente tem que fazer” (entrevistada 6)*

*“-Que que eu faço? Eu agrado eles. As vezes dou uma roupinha dou uma coisinha dou outra, eles são bom pra mim. É assim desse jeito”. (Entrevistada 7)*

*“-Eu faço comer. O que eu posso fazer eu faço”. (Entrevistada 8)*

Contudo, também foi possível verificar que dois idosos não tinham contato com seus bisnetos devido à questão geográfica, alegando que moram longe, em outras cidades ou os próprios pais afastam do contato:

*“-Eu não faço nada. (Risos). Eles é tudo pra fora, só vive mais fora (...)” (entrevistado 4)*

Vale salientar que nenhum bisavô afirmou se responsabilizar totalmente pela criação dos bisnetos alegando ser dever dos pais exercer esta tarefa. Dessa forma, eles esclarecem que

os bisavós não têm a mesma responsabilidade com seus bisnetos como tinham com seus filhos.

*“- Eles têm mãe, elas quem leve, quem pariu mateus que balance! (Risos!)” (entrevistada 7)*

*“-As mães deles lá que tome conta e os pais, que faça deles o que eles puderem”.* (entrevistada 8)

De acordo com os relatos, parece que os idosos buscam diferenciar o papel de bisavô e o de pai/mãe. Afirmam que expressam afeto e fazem o que podem para ajudá-los, mas de forma que se mantenham com suas famílias.

Sobre as **mudanças** que possam ter ocorrido com a chegada dos bisnetos, sete pessoas disseram que não acreditavam que algo tenha mudado em suas vidas em decorrência do fato de terem se tornado bisavó. Entretanto, duas entrevistadas descreveram mudanças consideráveis na vida delas, pois se sentiram melhor e mais alegres, com mais amor para dar.

*“-Ah mudou muita coisa. Mudou o amor. O amor, né?! Porque a gente tudo é um sangue só, tudo é um amor que a gente tem (...) Graças a Deus, Deus me deu tudim eu tenho que abraçar todos eles com amor, com carinho”.* (entrevistada 2)

*“-Mudou pra melhor. Alegria, né alegria! Satisfação que a gente tem de aquela família ter meu sangue, eu sei que ali é um pedaço de mim que tá ali né. Eu acho isso”.* (entrevistada 6)

No intuito de compreender melhor o contexto familiar dos participantes, procurou-se investigar aspectos dos **relacionamentos familiares**. Os dados pertencentes a essa categoria indicaram que seis entrevistadas acreditavam não ter problemas familiares na época da entrevista. Já outras três entrevistadas relataram terem problemas com as netas por questões relacionadas à agressividade, a bebidas alcoólicas e ao uso de cigarro (que acarreta problemas de saúde para a idosa).

*“-Tem. A brutalidade dessa mesma pessoa [está se referindo a neta]. (entrevistada 1)*

*“-Só tem uma que fuma que só fuma que só uma caipora (...). Eu não gosto... Eu digo, olhe nem fume perto de mim, que eu to com esse problema de Labirintite posso nem sentir o cheiro. E ela fuma que só uma caipora, se levanta meia noite pra fumar. Eu digo, menina tu morre. Eu tenho pavor, pavor mortal do tal do fumo. E aquilo ofende mais a gente que não fuma do que aqueles que fuma”* (entrevistada 8)

Procurou-se também identificar as dificuldades enfrentadas pelos participantes no papel de bisavôs. Nenhum entrevistado afirmou ter dificuldade em serem bisavós.

*“- Senti ainda não”* (entrevistada 2)

*“-Senti não minha filha. Não senti de jeito nenhum!” (entrevistada 6)*

### **Checklists**

Como já referido, no intuito de investigar melhor o papel dos bisavós no contexto familiar, foram utilizadas duas checklists para identificar os tipos de apoios mais comuns desses atores sociais. A primeira checklist procurou identificar práticas relacionadas ao suporte emocional dos bisavós e a segunda, ao suporte instrumental.

Na primeira foram questionadas as seguintes práticas: dar carinho, dar conselhos, repassar ensino religioso, dar presente, visitar, passear, telefonar, viajar, castigar e contar histórias de família. Destas práticas o sentimento de carinho é constante em todos os entrevistados visto em algumas falas:

*“-Minha filha eu dou muito carinho. Abraço”. (Entrevistada 6)*

A prática de dar conselhos foi citada por todos os bisavós. Como percebido nas falas dos entrevistados 7, 8 e 9, respectivamente: *“- Ave Maria, dou demais!”*; *“- Conselho tem que dá”* e *“- Dou conselho a eles, dou sim”*.

No quesito ensino religiosos três entrevistados disseram que sempre falam de religião, outros três disseram já ter falado, mas os bisnetos não escutam, e os outros três sempre falam aos bisnetos a importância da religião.

*“- As vezes - Eles gosta de assistir, em casa em tudo. Eles gosta” (entrevistada 1)*

*“- Falo. Pra eles irem pra igreja” (entrevistada 2)*

*“- É as vezes falo. Que Deus tá em 1º lugar pra gente é ou não é? E ai eles tem que chamar ele... Ele tem que conviver com Deus” (entrevistada 3)*

Em relação a dar presentes, foi percebido que apenas uma pessoa não dava presente ao bisneto, pois a seu ver não poderia de forma alguma comprar algo. Os outros oito entrevistados disseram dar presentes aos seus bisnetos ocasionalmente.

*“- Que eu faço? Eu agrado eles. Às vezes dou uma roupinha dou uma coisinha dou outra, eles são bom pra mim. É assim desse jeito”. (Entrevistada 7)*

Visitar os bisnetos era mais difícil pelos empecilhos físicos da idade, como também de transporte. Sendo assim, geralmente bisnetos realizam a visita, seja em datas comemorativas ou em dias não específicos, mas, levados pelas mães. Da mesma maneira ocorreu com os passeios e as viagens. A maioria relatou já ter passeado ou viajado a um tempo atrás com seus bisnetos, mas, a cada dia que passa se tornava mais difícil este tipo de atividade.

“- *Eu não passeio não porque não dá tempo pra mim*” (entrevistado 4)

“- *Já viajei muito, hoje mas não*”. (entrevistada 9)

O telefone foi um dado em que todos os entrevistados disseram não utilizar, seja por não saber usar o celular, ou por não poderem mesmo. Então as relações por telefone são feitos sempre dos bisnetos para os bisavós.

“- *Telefone não que eu não sei telefonar no celular não*” (entrevistada 3)

“- *Às vezes – eles liga*” (entrevistado 4)

No aspecto castigo, cinco disseram não castigar os bisnetos; três que aplicam o castigo quando percebem que os bisnetos merecem e uma disse não castigar, pois, é tarefa dos pais.

Por fim, foi percebida certa tristeza em seis dos nove bisavós, ao relatarem que os bisnetos e netos não se interessam pelas histórias da família.

“- *Não, conto não, porque eles não dão valor*” (entrevistada 2)

“- *Não conto porque eles não tem interesse*” (entrevistada 5)

Na checklist de suporte instrumental foram elencadas as seguintes práticas: ajuda financeira, auxilia quando doente, prepara refeições, levar á escola, ajudar a fazer os exercícios escolares e levar ao médico.

No tópico ajuda financeira todos comentaram fazer grande esforço quando algum bisneto ou neto adocece e os pais não possuem o dinheiro necessário para a compra. O mesmo aconteceu com o auxílio na doença, todos afirmaram grande preocupação quando os bisnetos adoecem, ajudando da forma possível, por exemplo, comprando os remédios.

Quando questionados sobre o preparo das refeições, apesar de todos já haverem preparado, essa atividade não tem a mesma frequência para todos. A maioria respondeu que



apenas em situações ocasionais, como quando as mães não podem preparar por estarem trabalhando.

No quesito levar ao médico e à escola, a grande maioria indicou que não realiza esta atividade, pois é dever dos pais exercê-la, sendo indicado até pela expressão: “*Eles têm os pais, eles quem leve*” (entrevistada 8). Mais uma vez os bisavós parecem delimitar e diferenciar suas responsabilidades em relação aos seus filhos, pais de seus bisnetos.

Quando perguntado se auxiliam nas atividades escolares dos bisnetos, todos responderam que não, pois a grande maioria não concluiu o ensino fundamental I e outros não sabem ler, sendo impossibilitados de realizar esta tarefa.

Tais situações corroboraram para o detalhamento da vida cotidiana dos idosos. As quais permitiram realizar análises dos papéis realizados pelos bisavós em relação a si e aos membros da família, especificamente os bisnetos.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A pesquisa realizada procurou compreender a vivência do papel de bisavós, bem como possibilitou apreender alguns aspectos sobre a percepção dos idosos a respeito de seus relacionamentos familiares e papéis no estágio tardio da vida.

O primeiro dado a ser observado foi à prevalência de mulheres no estudo, possivelmente devido ao fato das mulheres prioritariamente frequentarem grupos assistenciais.

Outro dado relevante do estudo diz respeito a não divisão de renda por parte dos bisavós. O argumento de que o dinheiro que recebem é pouco para se sustentarem, não havendo, portanto, possibilidade de arcarem com o sustento de outros membros da família, contrapõe os estudos de Rabinovich, Azambuja e Moreira (2014) e Tibulo et al, (2012) que mostram ser crescente o número de casos em que os idosos aposentados se responsabilizam pela manutenção de suas famílias, compartilhando, muitas vezes os seus benefícios e auxílios, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Outras pesquisas, entretanto, precisam ser realizadas para investigar melhor tal fenômeno.

Ser bisavó parece ser uma experiência positiva que acarreta felicidade, satisfação e orgulho. Embora poucos tenham especificado as mudanças positivas em suas vidas com esse novo papel, alguns idosos puderam revelar suas experiências reforçando a ideia de Papalia, Olds e Feldman (2006) sobre o senso de renovação pessoal e familiar, longevidade e diversão em ser bisavô. A indiferença entre os papéis de avô e bisavô relatados pelos participantes

reforçam o argumento de Dias e Pinto (2003) de que os limites entre esses papéis são mais tênues e não se diferenciam, exceto pela diferença de idade.

Outro dado relevante diz respeito à frequência com que os bisavós veem seus bisnetos. Grande parte alegou ver apenas às vezes seus bisnetos. Como ressalta Socorro (2006), existem fatores que dificultam essa relação: a distância geográfica, problemas financeiros e de relacionamento, bem como limitações por conta da idade. Frente a tais limitações os idosos ficam à espera da visita de seus bisnetos.

Foi constatado que os bisavós esperam a procura dos bisnetos, o que nem sempre ocorre. Seja pela distância que os pais geram ou pelo próprio distanciamento da relação. Silva (2012) relata que um aspecto importante para que haja uma troca de afeto e de conhecimento entre as gerações mais jovens e as mais velhas, é a coexistência ou um convívio constante. O que não ocorre com os bisavós deste estudo.

Papalia, Olds e Feldman (2006) lembram que embora a maioria dos avós e bisavós da atualidade tenha menor envolvimento íntimo com a vida de seus netos e bisnetos do que no passado, eles, muitas vezes, desempenham um papel importante. Sendo uma fonte de sabedoria um laço com o passado e um símbolo da continuidade da vida familiar.

Os bisavós deste estudo assumem o papel daqueles que realmente podem contribuir para o crescimento dos mais novos através dos ensinamentos que eles promovem. Coutrim et al (2007) alega que os ensinamentos são passados por meio de conversas, orações, histórias de vida e brincadeiras que apresentam um fundo moral. No presente estudo, tais ensinamentos parecem ser transmitidos pelo conselho, uma prática bastante enfatizada. Por meio dessa prática, os idosos acreditam que podem transmitir suas experiências sendo fonte de sabedoria para os mais novos. Conforme Coutrim et al 2007 os avós se preocupam em passar para seus descendentes lições morais extraídas, em grande parte dos casos, de suas próprias histórias de vida.

O relacionamento intergeracional é um caminho para a preservação da cultura, para a troca de significados e a preservação de símbolos necessários à sobrevivência humana, destacando questões cruciais, tais como a pertinência do respeito à sabedoria preservada pelos idosos e a construção de seu diálogo com as novas gerações (RABINOVICH, AZAMBUJA E MOREIRA, 2014). Infelizmente, devido às limitações comentadas anteriormente como baixa frequência de encontros, essa função pode ficar restrita e causar sentimento de desvalorização por parte dos idosos.

Cervený (2002) afirma que muitas pessoas nessa fase geram novas formas de manter o vínculo através do telefone, visitas, refeições em família e outras comemorações. As formas

apresentadas por Cervený diferem do estudo atual, ao mostrar a dependência que os bisavós tem para algumas atividades, como por exemplo, telefonar, eles alegaram não saber usar o aparelho celular ou não possuir, desta forma, ficando a espera dos telefonemas dos bisnetos e familiares. O sentimento de desvalorização foi percebido entre os idosos ao se mostrarem tristes por seus netos ou bisnetos não darem a respectiva atenção a eles.

Os dados sobre transmissão intergeracional apontam duas ramificações de respostas. Os legados históricos familiares e a transmissão de valores religiosos. Grande parte dos bisavós demonstraram certa tristeza ao relatar que seus bisnetos ou netos não tem interesse em ouvir as histórias da família. Já em relação ao repasse de ensino religioso todos afirmaram falar da importância de Deus ou de ir para uma igreja.

A religiosidade e a espiritualidade são recursos de enfrentamento para situações adversas, pois, por meio dela os idosos acreditam em uma melhor perspectiva de vida enfatizando os preceitos morais e acreditando que algo além da matéria, como a Divindade, poderá ajudar nas dificuldades cotidianas. Reconhece Sommerhalder e Goldstein (2006 apud Gutz 2013) ao perceber que através destes elementos há uma importância de uma base emocional e motivacional na busca de um significado para a vida.

Um leque de opções foi percebido ao que concerne as práticas realizadas pelos bisavós. O exercício mais realizado por eles é a demonstração de carinho em seguida, fazer o preparo das refeições e repassar ensinamentos, através de conselhos, contando histórias, e instrução religiosa.

No quesito carinho, todos disseram ser uma prática constante, pois, se sentem felizes e realizados ao apresentar afeto para os bisnetos. Em contraponto, três bisavós disseram dar castigo aos bisnetos, ou que falam com os pais para que tomem providência em relação a um mau comportamento apresentado pelo bisneto. Tais resultados desmistificam a ideia do senso comum de que os avós “mimam” os netos e que estabelecem com eles uma relação de permissividade, na qual os limites são frouxos (COUTRIM et al 2007).

Para a maioria não houve mudanças na vida ao se tornarem bisavós, contudo, para alguns, especificamente dois idosos, este fenômeno trouxe grande mudanças para suas vidas. Ser, pois, as crianças trouxeram os sentimentos de renovação e intensificação da alegria pela vida e maior amor aos novos integrantes da família.

Os relatos dos bisavós, contribuiu para um maior entendimento sobre o cotidiano e as práticas realizadas em seus contextos familiares. Alguns dados desta pesquisa foram condizentes com a literatura, outros divergiram, apontando a necessidade de maiores pesquisas sobre a quarta geração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo foi possível perceber que existem limitações e dificuldades próprias da idade, bem como familiares, percebidas através do distanciamento dos mais novos, no caso, os bisnetos. Ademais, dificuldades financeiras restringem os bisavós a proporcionar materialmente o que de fato tem vontade, como, dar algum presente esporadicamente aos bisnetos. Apesar disso, fica claro que os papéis desempenhados pelos bisavós consistem em dar muito carinho aos bisnetos, o que lhes tornam felizes e realizados.

As práticas exercidas pelos bisavós podem promover saúde e bem-estar a partir do momento em que os idosos sentem-se felizes ao realizar tais atividades, além de que, o carinho e amor enfatizado por cada idoso está diretamente relacionado a satisfação de ter chegado a quarta geração e poder compartilhar com os bisnetos tais sentimentos.

Temos que pensar em uma perspectiva de fortalecimento de vínculos entre os idosos seus bisnetos, pois, a distância além de enfraquecer os laços familiares e intergeracionais acarretam um sentimento de tristeza nos bisavós. E este investimento nas relações traria como consequência uma vida mais satisfatória para os mesmos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. P. de; DIAS, C. M. de S. B. Avós guardiões de baixa renda. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** v.4 n. 2, São João del-Rei, Jul. 2010.
- ARAÚJO, M. R. G. L.; DIAS, C. M. DE S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Revista Estudos de Psicologia**. V.7n.1 p. 91-101. 2002.
- ARIES, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- BATISTA, M, A., Valorização dos avós na matriz de identidade. **Revista Brasileira de Psicodrama** v.17 n.1 São Paulo, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: ed. Edições 70, 2011.
- CERVENY, C. M. de O. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- COSTA. M. S.; FREITAS, S.A. As representações sociais sobre a velhice. **Revista Interfaces da Educação**. Paranaíba, v. 1 n. 2, p. 16-27, 2010.
- COUTRIM, R. M. E. et al. O que os Avós Ensinam aos Netos? A influência da Relação Intergeracional na Educação Formal e Informal. In: **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife, p.1-15, 2007.
- DIAS, C. M. S. B.; PINTO, V. C. O papel de bisavós na perspectiva de mulheres idosas. **Revista Interlocuções**, ano 3, n. 1 e 2, p. 136-154, 2003.
- FALCÃO. D. V. S.; SALOMÃO. N. M. R. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Estudos de Psicologia** Campinas v. 22 n. 2 205-212 abril/junho, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.
- GUTZ, L. (2013). **Envelhecimento e espiritualidade**: um estudo sobre representações sociais de idosos. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).
- IBGE, (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA) **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1999/2009**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2010/SIS_2010.pdf)>. Data de acesso: 27/03/2014.
- KIPPER, C.D.R.; LOPES, R.S.; O Tornar-se Avó no Processo de Individuação. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan-Abr, v. 22 n. 1, p. 029-034, 2006.
- LOUREIRO. R. C. R. **A função parental masculina na perspectiva de um bisavô**. 2009. 90 folhas. Dissertação - (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MARQUES, A. M. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. **Revista Esboços** v. 11 n. 11 p. 65-71, 2004.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOKE, A. C. N. S. Avós que Assumem a Criação de Netos. **Revista Pensando Famílias**, v.17 n.1, p. 87-98, 2013.

MENDES, M. R.S.S.B. et al. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**. Revista Acta Paul Enferm. v. 18 n. 4. p. 422-426. Ano: 2005.

OLIVEIRA, A. R. V. et al; Relação entre avós e seus netos no período da infância. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 12 n. 2, novembro, p.149-58, 2009.

OSUNA, M. J.; (2006) Relaciones familiares em la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas com sus nietos y nietas en la infancia. In: Relação entre avós e seus netos no período da infância. Oliveira. A. R. V. et al; **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.12 n.2, novembro, p.149-58, 2009.

PAPALIA, D.; OLDS, S. & FELDMAN, R. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: McGraw-Hill Brasil, 2006.

RABINOVICH, E.P., AZAMBUJA, R.M.da M. & MOREIRA, L.V.de C. Significados dos bisavós para crianças baianas. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(1), pp.179-199. 2014.

SILVA, A. M.. A colaboração dos avós na educação dos netos. **Revista Interfaces Científicas - Educação** • Aracaju • v.01 • n.01 • p. 67-75 • out. 2012.

SILVA, C. A. M.; ALMEIDA, A. A importância da família no cuidado ao idoso. **Revista Eletrônica: Seminário Integrado**. v 5. n. 5, 2011.

SOCORRO, T. C. **Percepção de papéis durante o Ciclo Vital da Família: A Perspectiva da Mulher Idosa**. 2006. 122 folhas. Dissertação – (Mestrado em Psicologia) Universidade Católica De Pernambuco. Recife, 25 de Novembro de 2006.

TIBULO, C.; et al. Evolução Populacional do Brasil: Uma visão Demográfica. **Revista Scientia Plena** v. 8, n. 4, 2012.

VIANNA, F.P.F.; Transgeracionalidade “dês-encontro” de gerações. Revista **Epistemossomática** [Belo Horizonte] v.11, n. 2, p.231-236, set/dez 2006.